



Castigos e punições no método lancasteriano: a educação (des)humanista no Século XIX

Chastisements and punishments in the Lancasterian method:
(un)humanist education in the 19th century

Los castigos y las puniciones en el método lancasteriano:
la educación (in)humanista en el siglo XIX

Dirce Nazaré de Andrade Ferreira
Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0002-5679-2823>
<http://lattes.cnpq.br/0727886623679126>
dircenazare@hotmail.com

Resumo

Os castigos lancasterianos contidos no Decreto Lei de 1827 ficaram adstritos a um fragmento do Livro de Lancaster traduzido por Guilherme Skinner. A descrição dos castigos lancasterianos no Brasil são descritos em uma sobreposição hermenêutica desse manuscrito sem ir à fonte primária. Fizemos uma pesquisa *in loco* no British Museum em Londres nos livros originais de Joseph Lancaster. Objetivo foi entender diretamente da obra do autor a descrição dos castigos nas escolas de primeiras letras e sua forma. Utilizamos como metodologia o método indiciário com uma pesquisa *in loco* e interpretação qualitativa, documental e bibliográfica. Os resultados demonstram que os castigos lancasterianos se diziam humanos e contrários aos suplícios físicos, mas representava constrangimento moral, sofrimento psicológico e constrição física: penas similares às usadas em cárceres nos adultos.

Palavras chave: Castigos lancasterianos; Educação; Primeiras Letras.

Abstract

The Lancasterian punishments contained in the Decree Law of 1827 were attached to a fragment of the Book of Lancaster translated by William Skinner. The literature on the history of education and the description of Lancasterian punishments in Brazil are described in a hermeneutic overlap of this manuscript without going to the primary source. We did an on-site search at the British Museum in London on Joseph Lancaster's original books. The objective was to understand directly from the author's work the description of punishments in the schools of first letters and their form. We used as methodology the indicia method with an on-site research and qualitative, documentary and bibliographic interpretation. The results show that Lancasterian punishments were human and contrary to physical suffering, but represented moral embarrassment, psychological suffering and physical constriction: punishments similar to those used in adult prisons.

Keywords: Lancasterian punishments; Education; First Letters.

Resumen

Los castigos lancasterianos contenidos en el Decreto Ley de 1827 se unieron a un fragmento del Libro de Lancaster traducido por William Skinner. La literatura sobre la historia de la educación y la descripción de los castigos lancasterianos en Brasil se describen en una superposición hermenéutica de este manuscrito sin ir a la fuente principal. Hicimos una búsqueda in situ en el Museo Británico de Londres en los libros originales de Joseph Lancaster. El objetivo era entender directamente de la obra del autor la descripción de los castigos en las escuelas de las primeras letras y su forma. Utilizamos como metodología el método indicia con una investigación in situ e interpretación cualitativa, documental y bibliográfica. Los resultados muestran que los castigos lancasterianos eran humanos y contrarios al sufrimiento físico, pero representaban vergüenza moral, sufrimiento psicológico y constricción física: castigos similares a los utilizados en las prisiones de adultos.

Palabras clave: Castigos Lancasterianos; Educación; Primeras Letras.

Introdução

O Método Lancasteriano é um objeto na história da educação, lapidado por importantes olhares tais como Manacorda (1992) Faria Filho (2011), Bastos (1999) Gondra (2008), Neves (2003) Chizzotti (2005) dentre outros.

As obras brasileiras que tratam do tema são em sua grande maioria, narrativas e interpretações feitas sobre um fragmento do livro de Lancaster, traduzido por Guilherme Skinner em 1833 (arquivado no Museu de Petrópolis) e o livro de Primitivo Moacyr, escrito em 1936. Sobre o método lancasteriano, no Brasil há sobreposições interpretativas, comentários de pensadores modernos sobre autores clássicos em uma espiral hermenêutica formando uma cadeia de interpretações unívocas. Portanto há uma lacuna a ser melhor preenchida: trata-se de trazer os ensinamentos de Joseph Lancaster bebendo na fonte primária, ou seja, trazendo livros escritos por ele próprio em uma visão mais direta.

No ano de 2012 - em pesquisa doutoral - fizemos uma visita *in loco* em Londres no *British Schools Museum* e adquirimos os quatro livros escritos por Joseph Lancaster, como fonte primária da pesquisa, foram eles: “*Improvements in education*” (1807), “*The British System of Education*” (1812), “*The Lancasterian System of Education, with improvements*” (1821) e “*Epitome of some of the chief events and transactions in the life of Joseph Lancaster*” (1833). Além desses livros encontramos também, a obra “*Joseph Lancaster*” (1903), escrita por David Salmon, que na verdade é a biografia do autor do ensino lancasteriano.

Além do acervo bibliográfico e documental o *British Schools Museum* preservou uma sala de aula lancasteriana, sendo possível ver mobiliários, métodos e a forma pedagógica do ensino mútuo londrino, do início do século XIX. Ressaltamos que a obra de Joseph Lancaster e seu Método é complexa e rica em detalhes, portanto neste artigo delimitamos o objeto de estudo somente na temática castigos lancasterianos tão ricamente descritos no capítulo *Instruments and modes of punishments* no Livro *The British System of Education*.

No Brasil são conhecidos os artefatos de ensino lancasteriano, todavia pouco ou quase nada se conhece sobre os métodos de punição nas escolas lancasterianos do século XIX.

Para desvelar o tema, trazemos neste artigo fragmentos originais dos livros de Lancaster (1812) nas notas de roda pé - com a devida tradução para o português no corpo do texto - na perspectiva de deslindar por via direta a educação oitocentista e presenteá-la ao leitor.

Neste sentido, o objetivo desse artigo é demonstrar e entender:

- Quais eram os tipos de punições pedagógicas lancasterianas
- Como Joseph Lancaster as descreve e as recomenda em seus relatos pedagógicos.

Para tanto a metodologia construída na pesquisa é multidisciplinar: um estudo histórico através do Método Indiciário de Carlo Ginzburg, combinado com uma pesquisa qualitativa do tipo inserção *in loco* para análise de fontes primárias. Além disso, fizemos uma pesquisa documental nos arquivos do *British School Museum* e na Lei Januário da Cunha Barbosa.

Passamos então a demonstrar os traços mais gerais do Método Lancasteriano para desvelar que sua escolha em 1827 como o primeiro método de ensino brasileiro foi uma escolha política e econômica. Em seguida discutiremos sobre os castigos lancasterianos – objeto nuclear desse escrito.

1. O método lancasteriano: civilidade e disciplina

O recorte temporal aqui estudado é uma parte do século XIX (1827) para evidenciar a educação no Brasil pós-independente. A opção por essa delimitação é porque nas primeiras décadas oitocentistas houve convergência de esforços para organizar a educação do Brasil, como nascente Estado, iniciando a formalização do Método Lancasteriano com a Lei de 15 de

outubro de 1827 que desincentivou os castigos físicos nas escolas brasileiras e recomendou adotar as punições lancasterianas.

Criado pelo pastor Joseph Lancaster no século XIX¹ em Londres o método consistiu em expandir a alfabetização popular pela racionalização, uma estratégia pedagógica formal tanto para intensificar o letramento dos alunos quanto a adoção dos escritos nas escolas. O Método Lancsteriano ajudou a criar regras e regulamentos formalizados, prescreveu comportamentos e sociabilidades nas escolas e gerou organização dos apoios administrativos, tais como: pautas escolares, cadernetas de professores, registros discentes, boletins, e as regras de condutas na escola. Fazemos um rápido recuo para entender como se iniciou.

Foi na ebulição do século XIX que Joseph Lancaster propôs um procedimento pedagógico que consistia principalmente em ensinar centenas de alunos por um único professor com auxílio de monitores. Assim paciente e agente de aprendizagem se consubstanciam na figura do monitor: aquele aluno que se perfaz como elo de ligação entre professor e demais alunos, e que passa a ensinar, como ativo colaborador do professor. Esse procedimento gerava então, a idéia de ensino mútuo ou compartilhamento de aprendizagem, associando duas diretrizes: a capacidade de disseminação da educação para um quantitativo elevado de discentes e o baixo custo.

David Salmon (1904) que escreveu a biografia de Joseph Lancaster a ele não poupou críticas, mas também reconheceu a importância do trabalho pedagógico nas escolas lancasterianas da Londres oitocentista:

ele [Lancaster] possuía muitas qualidades de um grande professor – zelo, auto-confiança, criatividade na elaboração de métodos, percepção na natureza das crianças, um profundo amor por elas e uma rara capacidade de lidar com elas. Ele ingressou no trabalho de sua nova escola, com entusiasmo”² (SALMON, 1904, p.5, tradução livre).

O sistema mútuo permitia replicar o número de escolas, tendo os monitores como novos docentes, em uma cadeia de expansão pedagógica. Assim proliferaram em Londres outras unidades em bairros adjacentes. Exemplo disso “foram abertas uma escola em Clewer, próximo de Windsor, [outra] escola em Canterbury e [...] em Denver” (SALMON, 1904, p.9, tradução livre).³

A obra lancasteriana é bastante complexa e intrigante, assim como seu método que fora direcionado para atender alunos carentes, o que de certa forma causou intensas inquietações na sociedade, tanto em forma de apoios políticos e financeiros, quanto recusa e forte oposição ao método. Lancaster vivenciou sobretudo desaprovação, pois se portava como estrategista comercial na aquisição de fundos para as escolas,⁴ mas também foi citado como um importante difusor da educação.

¹ Quanto ao ensino primário, no oitocentos, é um ensino de instrumentalização técnica ou escola de ler e escrever”. Essa instrumentalização diz a autora, é herança da racionalidade do iluminismo.

² No original: “*he had many of the qualifications of a great teacher – zeal, self-confidence, ingenuity in devising methods, intuitive insight into the nature of children, an ardent love for them, and rare power of managing. He threw himself into the work of his new school with characteristic enthusiasm* (SALOMON, 1904, p. 5).”

³ No original: “*opened a school at Clewer, near Windsor, other school at Canterbury, and [...] at Denver*” (Idem, p. 9).

⁴ Sobre as estratégias financeiras, David Salmon, seu biógrafo ressalta que Lancaster não almejava riqueza pecuniária, vivia modestamente a ponto de não ter condições financeiras para escrever sua biografia e preservar suas memórias. O que foi escrito em 1840, após dois anos de sua morte, foram breves esboços de sua vida por seu amigo William Corston, que revela a prisão de Lancaster por dívidas. Nas enciclopédias e verbetes publicados sobre ele, Lancaster é designado como perdulário, esbanjador. Sobre esse assunto ver http://www.encyclopedia.com/topic/Joseph_Lancaster.aspx.

É importante ressaltar que, era necessário obter fundos para o funcionamento das escolas, pois a educação era subsidiada pela própria comunidade e não pelo Estado, peculiaridade que tornava as ações pedagógicas mais árduas, dada sua incerteza de continuidade. Neste aspecto, Joseph Lancaster já demonstrava a aflição docente,

a queixa da baixa remuneração e a dificuldade em obtê-la é reiterada e quase geral em cada parte [que lida] com educação . Ela [a insatisfação] age poderosamente para deprimir e desencorajar a energia mental do professor. A maior parte da atribuição de funcionamento [administrativo] da escola, que é meramente mecânico, recai sobre a responsabilidade do professor: e sem dúvida, é uma sobrecarga de trabalho adicionada à baixa remuneração, comparado às outras profissões, o menor salário pago em Londres.⁵ (LANCASTER, 1803, p. 6, tradução livre)

Lancaster traçou estratégias pedagógicas: a administração da escola pela comunidade e a estratégia da convivência multirreligiosa, foram ações consideradas profícuas ao Método Lancasteriano. Essa condição se evidenciava tanto por seu viés de articulação com a comunidade, quanto pelas roupagens conservadoras e portanto ajustadas ao momento histórico vitoriano em Londres.

Salmon (1904) destacou o pioneirismo de Lancaster tanto em se aproximar da comunidade, quanto admitir na escola alunos de diversas religiões, seu método é considerado multirreligioso, tanto na educação elementar, quanto na formação de professores na Inglaterra, em uma época que tradicionalmente o ensino era delegado aos clérigos católicos.

Entretanto o modelo de ensino mútuo embora demonstre uma mesclagem de credos, é fruto da religião Quaker,⁶ proferida por Lancaster. Por essa concepção de fé o *lôcus* escolar era considerado espaço de aquiescência disciplinar coadunado com devoção e piedade, não importava qual crença o aluno seguisse. Estes fatores se tornaram relevantes no ensino e foram direcionados principalmente para a camada hipossuficiente da Inglaterra, na perspectiva de interligar civilidade, educação e religião, quaisquer que fosse a fé religiosa dos integrantes da escola.

Essa tolerância religiosa denominada “*unsectarian education*” (SALMON, 1904, p.10) merece portanto grandes observações, já que pode revelar a escola como espaço de multirreligiosidade. Todavia esse arco heterogêneo de tolerância se tratava de uma estratégia de adesão ao maior número de apoiadores, já que os financiadores do projeto de Lancaster eram indiscriminadamente de diversas camadas sociais e portanto de uma diversidade de credos.

Daí que, a pluralidade religiosa do Método Lancasteriano, na verdade era pragmatismo para adesão na escola, e assim enfatizava o sacrossanto, o venerável nome divino ressaltando que por quaisquer caminhos religiosos que se trilhe, a educação é “[...] a reverência ao sagrado nome de Deus e as sagradas escrituras [e que portanto] abomina o vício e [prega] amor à verdade, devida atenção aos pais, aos deveres e à sociedade”,⁷ independente da crença proferida.

⁵ No original: “[...] *the complaint of bad pay, and difficulty in obtaining it, is almost generally reiterated through every department of education. It operates powerfully to depress and discourage the energy of the teacher's mind: in particular when (as is commonly the case) much of that part of the business of school which is merely mechanical falls on the master's shoulders: it becomes indeed laborious with the addition of a poor consolation that it is worse paid for than any other employ in London*” (LANCASTER, 1803, p. 6).

⁶ A denominação Quaker significa um grupo religioso, formado por um movimento protestante britânico no século XVII. Criado em 1652 pelo Inglês George Fox, o grupo pretendeu restaurar a fé cristã original. Pregavam pacifismo, solidariedade, filantropia, e principalmente trabalho árduo. Fizeram forte oposição à Igreja Anglicana. Perseguidos por Carlos II, os quakers emigraram para os Estados Unidos e criaram a colônia da Pensilvânia.

⁷ No original: “[...] *a reverence for the sacred name of God and the scriptures of Truth, a detestation of vice, a love of veracity, a due attention to duties and parents, relations, and to society*” (LANCASTER, op. cit., p. 2).

Então vale destacar que, a vertente religiosa defendida por Lancaster, embora utilitarista, demonstrava respeito à formação devocional com tolerância religiosa, pois para ele “[...] acima de todas as coisas a educação não deveria se tornar subserviente à propagação de princípios peculiares de determinada seita [religião]”⁸ (LANCASTER, 1803, p. 5, tradução livre). Esse fator de convivência e alteridade religiosa, na verdade era também uma inclinação à igreja católica, fato que atraiu a atenção da nobreza inglesa e da corte real, mas provocou a hostilidade da Igreja Anglicana,⁹ que desejava a educação dos pobres sob sua orientação religiosa.

Ao viés religioso que se alia à produção de conhecimento, o Método Lancasteriano também adiciona uma preocupação com a sociabilidade e boa convivência, uma vez que, a educação se torna prudencial para evitar más companhias, e ainda traz urbanidade, e assim “[...] providencia civilidade e comportamento pacífico na juventude [...]”¹⁰ (LANCASTER, 1803, p.5, tradução livre). Essa observação de Lancaster, se coaduna à educação brasileira ou “a uma forma pedagógica de orientação dos moços” (MOACYR, 1939, p.12).

Assim, Lancaster destacava a educação enquanto formadora de espíritos devotos e cidadãos com adequada civilidade, tanto que ressalta a educação como imprescindível e de premência nacional pois ela “[...] se torna benéfica para a sociedade, nos princípios e melhores conduta de seus membros; e na vida privada [se consolida] pela firmeza e disposição amável dos pais, mestres e crianças, que são influenciados por seus preceitos”¹¹ (LANCASTER, 1803, p.6, tradução livre).

Quanto ao direito de cidadania Lancaster interpela o próprio Estado e a si próprio contestando: “[...] quando vejo os desoladores efeitos [da pobreza] produzidos entre os desprotegidos e excluídos da sociedade, o que dizer?”¹². E retruca: “[...] creio que as crianças pobres, que estão em asilo, frequentemente desamparadas, reclusas na pobreza, depressão e vício [estão também] sem educação e sem esperança”¹³ (LANCASTER, 1803, p. 10, tradução livre). Diante desse quadro desalentador, diz Lancaster que os notáveis preceitos da educação seriam tão necessários à sociedade, a ponto de ser útil, tanto à população, quanto ao próprio Estado.

Conjugada à necessidade de instrução, havia necessidade de ocupação dos postos nas fábricas e oficinas em plena sociedade londrina neointustrial, fato que demandava alguma habilidade em leitura e escrita. Fatima Neves (2003), destaca ainda o deslocamento de responsabilidade com a educação inglesa, cuja responsabilidade do Estado foi sutilmente transferida para o setor privado, exemplo disso é que, “[...] O Estado Inglês determinou em 1802 através da promulgação do *Factory Act*,¹⁴ que as fábricas proporcionassem instrução aos seus aprendizes” (NEVES, 2003, p.64).

⁸ No original: “[...] *Above all things education ought not be made subservient to the propagation of the peculiar tenets of any sect*” (Idem)

⁹ James Mill publicou em 1815 dois textos sobre educação e os privilégios: “Escola para todos, não só para os eclesiásticos” e “Educação”. Os textos criticavam a oposição da Igreja Anglicana às escolas filantrópicas para meninos pobres em Londres, estas sob o patrocínio e direção de Joseph Lancaster (GILES, 1987, p. 223).

¹⁰ No original: “[...] *carefulness to avoid bad company, civility without flattery, and a peaceable demeanor, may be inculcated in every seminary for youth, without violating the sanctuary of private religious opinion in any mind*”. (Idem).

¹¹ No original: “[...] *proves beneficial to society, in the improved principles and conduct of its members; and in private life, by the steadiness and amiable disposition of parents, masters, and children, who are influenced by its precepts*”. (Idem).

¹² No original: “[...] *When I view the desolating effects produced amongst the unprotected and unbefriended orders of society, what shall I say?*” (LANCASTER, 1803, p. 3)

¹³ No original: “[...] *I mean the poor children who are in parish workhouses, who are often friendless, and immured in those receptacles of poverty, depression, and vice; without education and without hope*” (LANCASTER, 1803, p. 10).

¹⁴ Os *factory acts* foram leis promulgadas pelo Parlamento Inglês, e que regulamentavam as ações laborais de mulheres e crianças nas indústrias têxteis. Dentre outros aspectos o *Factory Act* de 1802 permitia às crianças entre 9 e 13 anos, somente trabalhar 8 horas por dia. Já as crianças menores de 9 anos, não podiam trabalhar mas deveriam se matricular nas escolas de ensino elementar que as fábricas mantivessem.

Daí se vislumbra que, o Estado embora reconhecesse a premência da educação, delegou-a ao setor privado, concedendo a este sua primazia. Então o *Factory Act* em seu nascedouro já evidenciava a necessidade de atender duas demandas: a primeira, a de ensinar crianças pobres na perspectiva de melhoria das condições de vida e trabalho; e a segunda de formalizar esses ensinamentos através de um sistema escolar que fosse legitimamente implementado pelo setor privado (fábricas, comunidade, e organizações eclesiais) e *a posteriori* reconhecido pelo Estado.

Sob esse aspecto, o Ensino Mútuo parece ocupar essa lacuna, uma vez que tendo como arrimo as fábricas, se revelou como ato primordial para obtenção de postos de trabalho no futuro, principalmente para aqueles que não experimentaram quaisquer oportunidades de educação. Tanto assim que Lancaster (1803) destaca uma fratura entre a condição social: possibilidade de pessoas abastadas oferecerem formação a seus filhos, e a ausência da educação aos que tem por subsídio, o salário da indústria. Sobre o tema o autor enfatiza que,

o rico possui amplos meios para realizar qualquer teoria que queira adotar na educação de seus filhos, independentemente do custo; mas isso não ocorre com aquele, [o pobre] cuja subsistência é derivada da indústria¹⁵ (LANCASTER, 1803, p. 6, tradução livre).

A partir dessa alusão de Lancaster, já se percebe certa clivagem envolvendo educação e classe social, que de certa forma deixa à margem do processo pedagógico, aqueles cidadãos que não teriam condições de suprir por si só, a necessidade de instrução. É para essa camada de pessoas que o Ensino Mútuo direcionou suas estratégias. Neste aspecto, o próprio Lancaster questiona “[...] por que não efetivar essa idéia [de ensino] para os pobres?”¹⁶ (LANCASTER, 1803, p. 7, tradução livre).

Sendo assim, o autor ressaltou a importância das primeiras letras, efetivando que a escola “[...] é de uma importância peculiar para os pobres, que estas escolas sejam regulamentadas, [...] muitas crianças da classe não têm educação, [...] e para muitas crianças pobres não haverá jamais uma segunda oportunidade”¹⁷ (LANCASTER, 1803, p. 10, tradução livre).

Quanto ao fator carência econômica da família, se faz importante evidenciar os embates enfrentados pela educação no nascente século XIX com o trabalho infantil. Isto por que no palco da revolução industrial há demanda por mão de obra para ocupar os postos de trabalho. Daí o grande duelo entre duas correntes, e a linha abissal que as separa: de um lado os hábitos familiares de ocupar as crianças com trabalho, uma forma de auxiliar os pais no sustento do lar; e de outro a escola desejando ensinar as crianças, também como uma forma de prepará-las no médio prazo, para o mercado fabril.

Como denominador comum entre essas duas correntes, está a aplicação da força de trabalho infanto-juvenil na indústria nascente. As duas obras de Lancaster que subsidiaram o ensino mútuo, ratificam essa feição da sociedade inglesa no século XIX, ressaltando inclusive o impedimento alegado pela família para a criança trabalhadora frequentar a escola. Nesse contexto, diz Lancaster que os pais ou os familiares geralmente desenvolvem sentimentos de antagonismo à escola “[...] isso ocorre principalmente quando seus filhos são seus auxiliares no trabalho”¹⁸ (LANCASTER, 1803, p.10, tradução livre).

¹⁵ No original: “[...] the rich possess ample means to realize any theory they choose to adopt in the education of their children, regardless of the cost; but it is not so with him whose subsistence is derived from industry”. (Idem)

¹⁶ No original: “Why not realize this idea among the poor?” (LANCASTER, op. cit, p.7).

¹⁷ No original: “[...] is of peculiar importance to the poor, that these schools should be better regulated, [...] many children of that class have no education [...] for many poor children never obtain a second opportunity”. (Idem)

¹⁸ No original: “[...] This mostly happens when their children are able to assist them at work” (Idem).

De certa forma, o método de Lancaster embora não desenvolva oposição ao labor infantil, (tão comum na Inglaterra do século XIX), tenta protelar a entrada de crianças no mercado de trabalho. E o faz através do convencimento de que a escola será o ambiente pedagógico mais adequado às crianças, inclusive para ensiná-las a trabalhar, mais tarde. Neste aspecto destaca que “[...] na escola sua moral poderia ser formada corretamente, e eles seriam treinados para [ter] um futuro útil, para si mesmo e para a comunidade”¹⁹ (LANCASTER, 1803, p. 9, tradução livre).

Nos livros do autor há intensa defesa da importância pedagógica de instruir, mas é na demonstração do sistema inglês de ensino que ele ressalta a relevância da escola como um espaço de pregação religiosa e civil, daí a necessidade de atrair um vultoso quantitativo discente como forma de colaborar com a sociabilidade.

Suas ações pedagógicas portanto, além de ensinar e preparar os aprendizes para “o futuro promissor” (NEVES, 2003 p. 23) eram consideradas preventivas, à medida que a disciplina religiosa poderia impedir a entrada na criminalidade. Efetivamente a profilaxia da educação poderia impedir também rebeliões e motins populares, tão comuns na Inglaterra no século XIX, no ambiente fabril.

É de bom alvitre destacar que antes do método lancasteriano a ação escolar na educação era individualizada, a ação do professor era centrada em determinado aluno, ao mesmo tempo que se efetivava como atendimento personalizado e atuação peculiar, era motivo para dissensão e indisciplina na classe. Essa intercorrência era devido ao próprio método, uma vez que o professor se ocupava profundamente no exame individual com o aluno que estivesse em atendimento, enquanto os demais deveriam retornar aos seus lugares para exercitar ação auto instrucional. Mas nem sempre era o que ocorria, e Pierre Lesage (1999, p.4) para exemplificar essa situação, aclara que, pela quase ausência do professor no grupo, entre os alunos “[...] choviam tapas”.

Daí o espaço escolar comum ser identificado como espaço de algaravia, balbúrdia, pois concentrava a autoridade na figura do professor, impotente para lidar com grandes quantitativos discentes, quando a atenção individual fosse necessária. Para cobrir essa vulnerabilidade do método individual, o ensino lancasteriano seria muito adequado, já que a autoridade docente era repartida com a monitoria, reforçando a disciplina.

Sobre a autoridade docente e a ordem escolar, Lancaster (apud SALMON, 1904, p.8) faz um confronto entre os dois métodos e advoga as qualidades do método mútuo, enfatizando que,

em uma escola comum [que usa o método individual] a autoridade do professor é individual, e a vara [castigo físico] é seu instrumento pedagógico. Sua ausência [do professor] é o sinal imediato de confusão e motim. Mas em uma escola conduzida por meu plano, quando o mestre precisa se afastar da sala de aula as mesmas condições permanecem como se ele estivesse presente, por que a autoridade não é pessoal [concentrada no professor]²⁰(SALMON, 1904, p.8).

¹⁹ No original: “[...] school, where their morals might be formed aright, and they trained to future usefulness, to themselves, and to the community”. (Idem)

²⁰ No original: “In a common school the authority of the máster is personal, and the Rod is his sceptre. His absence is the immediate signal for confusion and riot. But in a school properly regulated and conducted on my plan, when the master leaves school, the business will go on as well in his absence as in his presence, because the authority is not personal”(LANCASTER, apud SALMON, 1904, p.8).

Assim, existia uma correlação entre funcionalidade de ensino e disciplina, à medida em que o espírito discente se ajustava pelas vias da erudição. Portanto, a educação cumpria seu papel de preparar os corpos para atuar nas oficinas criadas pela revolução industrial, mas também se educava para a boa convivência na sociedade. Para tal intento era necessário também ensinar outras habilidades além da leitura e escrita, era primordial, desta forma, o exercício da disciplina e imersão na sociabilidade do oitocentos londrino. Daí o papel importante da escola lancasteriana, cristalizada pela moral religiosa, vigilância e disciplina. Fato que demandava vigília e supervisão.

Os conceitos acima faziam da escola panóptica uma instituição segura sob o ponto de vista do controle, foram transplantadas para o método lancasteriano como modo de organização do ambiente escolar: a mesa do professor em pedestal mais alto, as fileiras de carteira, o olhar vigilante do professor e do monitor mantendo controle e disciplina, o que significava expurgar a vadiagem e insubordinação.

Foi na esteira da civilidade, que a escola lancasteriana deslizou para a sala de aula uma série de castigos e punições morais consideradas humanas e bondosas. Reforçamos ao leitor que há estratégias pedagógicas motivacionais interessantes nos livros de Lancaster, mas não são objetivos desse artigo. Aqui deliberadamente optamos por trabalhar somente as punições consideradas pedagógicas. Passamos a descrevê-las intencionalmente em tópicos separados para melhor evidenciá-las. Vejamos...

2. Materiais de punições no Método Lancasteriano

Lancaster não recomendava castigos físicos escolares e os substituiu por punições morais ou psicológicas, pois o espaço pedagógico da sala de aula era um templo sacro de comedimento e mudez. Para tanto, uma gama de castigos e punições eram descritas quando ocorressem inobservações e desrespeito às regras de conduta. Diz Lancaster (1812, p.66, tradução livre) que “[...] as principais infrações cometidas pelos alunos eram derivadas da vivacidade e da ativa disposição [da infância]”.²¹

Todavia, desconsiderando essas características comuns às crianças, o livro de Lancaster traz textualmente o vocábulo *delinquent* descrevendo o aluno que agisse contrariamente às normas e as desrespeitasse: a ele cabia um sistema corretivo de sérias repreensões, geralmente públicas. O século XIX tão caracterizado por penas e aflições, trazia também o suplício físico - exposto em público - como parte do cotidiano da sociedade escolar. Assim é de bom alvitre aqui, lembrarmos alguns adágios brasileiros do século XIX tais como “é de pequenino que se torce o pepino”, “quem poupa castigo a seu filho, odeia-o”, “quem castiga um, cem avisa”, “o castigo faz o doido ter siso”.

No século XIX eram os castigos físicos na escola, na sociedade e na própria família uma cultura corretiva para fazer brotar o espírito do homem bom, reto, que tomava o lugar do espírito torpe, corrompido pelas próprias práticas da sociedade brasileira. Evidenciando essas características os relatos do Padre Siqueira sobre a sociedade em 1835, são elucidativos, diz o autor que, “[...] dos maus hábitos plantados [no Brasil] não podiam fazer nascer perfeitos frutos. Para submetê-los [os habitantes] à ordem e à disciplina, era necessária a força bruta, o castigo corporal, o azorrage [chicote] e o pelourinho”. Em tais condições, diz o padre Siqueira que a sociedade era dirigida pelo temor, tanto que ela se familiarizava

²¹ No original: “[...] chief offences committed by youth at school, arise from the liveliness of their active dispositions” (LANCASTER, 1812, p. 66).

com cenas de sangue, de torpor, de misérias; o povo identificou-se com essas práticas [violentas], desabafos de vinganças, cárceres públicos e particulares, vergalhos de couro, palmatórias de jacarandá e de gramarim.

E continua explicando que,

se na sociedade os mandões do governo eram tiranos; na família os pais eram monstros, e os mestres, verdugos. Bárbaros castigos eram inflingidos a todos os subordinados, pela Lei, pela família, pela educação. Em casa, nas escolas, e até nas públicas audiências fustigavam-se com vis instrumentos [de castigos físicos] os erros, inda (sic) que fossem os mais leves (SIQUEIRA, 1999, p.74).

Nas escolas, o Padre Siqueira relata a disciplina, destaca os castigos, principalmente quando o aluno se desviava da conduta, o professor era enfático e o fustigava com “[...] reguadas nos dedos, [...] piparotes na cabeça”, diz o padre. As penas morais como menosprezos verbais também eram constantes, assim o professor o interpelava:

Que é isso? Tens dedos de caranguejo? Olha o exemplar [livros e cartilhas] ...levanta o corpo, endireita a cabeça! E daí zás...trás...um puxão de orelha que ensurdecia! Ardia como pimenta, e horas, os ouvidos barulhavam uns zumbidos como cortiço de abelhas (SIQUEIRA, 1999, p.79).

Entretanto, a teoria lancasteriana foi considerada disciplinadora e respeitosa, pois fez uma transformação na escola, eliminado o uso da vara de bater, a palmatória e os castigos corporais. Sobre essa temática muitos autores, reconhecem o avanço da substituição dos castigos físicos pela disciplina moral, pois

é das escolas mútuas, o reconhecimento público de ter proscrito as punições corporais – a palmatória e o chicote – que, até então eram usadas; e não será demais reconhecer terem procurado substituir no coração dos alunos o sentimento de medo, pelo sentimento de honra, o sentimento da vergonha bem administrado (LESAGE 1999, p. 12).

Não raro encontramos observações advogando que o castigar lancasteriano era a proposta humanizada e ao mesmo tempo conservadora, a forma ideal perante a família e a igreja tradicional, punições que atendiam aos preceitos de uma educação mais moderna e humanizadora. Todavia, essa asserção deve ser usada com cautela, principalmente, quando se analisa a obra “Sistema de ensino britânico” (1812) descrita por Lancaster. Isto por que as punições lancasterianas não foram menos aflitivas - postas em prática por técnicas sutis de humilhação psicológica e sofrimento físico suportados em público - consistiam em intencionalmente produzir no aluno constrangimentos e vergonhas.

Se for julgada pelos instrumentos de punição usados, a escola de ensino mútuo é muitas vezes equivalente às prisões e os alunos submetidos a penas tão rigorosas quanto a de adultos. Reforçamos que Lancaster utiliza para o aluno transgressor o termo “*delinquent*” (LANCASTER, 1812, p.68), mas destacamos que neste artigo o termo foi traduzido respeitosa e intencionalmente como “ofensor”, por entender que os sujeitos eram crianças.

Salmon destaca que “[...] as punições eram variadas e curiosas”²² e utilizadas sempre que possível, na substituição “[...] da vara”²³ (SALMON, 1904, p.11). Contudo, o autor destaca que dado o caráter extravagante das punições, se aos alunos fosse dada a decisão de escolher entre castigos físicos ou morais, haveria dúvidas se escolheriam os últimos. Lancaster (1812, p. 77) destaca que os instrumentos surtiem seus efeitos em poucos minutos pois o simples mencionar de seus nomes aos alunos, fazia “[...] gelar o coração de tanto medo e horror”²⁴. Passamos a descrevê-los.

3. Wooden log: as placas disciplinares

Após reiteradas advertências verbais sob formas de humilhações orais em público, o aluno que permanecesse com o comportamento indevido, recebia do monitor, um cartão ou placa como penalidade. Imediatamente,

O monitor mostra a placa disciplinar ao ofensor, e acopla a placa disciplinar em seu pescoço, [a placa disciplinar] funciona como um pelourinho²⁵ [instrumento para punir e expor o castigado aos olhares públicos] então ele volta a sentar em seu lugar (LANCASTER, 1812, p.68, tradução livre).

A permanência do aluno em sala de aula, sentado na carteira escolar ostentando a placa, era um dos meios de constranger tanto o ofensor quanto à sala de aula inteira. Lesage (1999) destaca que, se gerava intencionalmente um clima de constrangimento para amedrontar a classe inteira, fazendo da pena uma função preventiva, pedagógica e publicizada, então se cumpria “[...] o fim intimidativo da pena, o medo que acua se dirige a todos” (JESUS, 1999, p.519).

Vale dizer que, além da humilhação pública sofrida pelo ofensor (agora, ofendido) a punição embora considerada humana, na verdade se mostrava aflitiva sob o ponto de vista da fisiologia e dor corporal, se considerada a dinâmica da ação e a própria constituição da placa, um artefato de madeira assemelhado ao que seria hoje, um colar cervical²⁶ que se afixava no pescoço do ofensor,

esta madeira poderia pesar de quatro a seis libras [unidade de peso equivalente a 453,59g] o pescoço não é apertado ou confinado, mas é principalmente submetido à dor [...] quando o ofensor se move para direito ou para esquerda. Enquanto ele fica reto o equilíbrio é preservado, mas ao menor movimento [...] a placa funciona como um peso²⁷ (LANCASTER, 1812, p. 68, tradução livre).

²² No original: “[...] the punishments were varied and curious” (SALMON, 1904, p.11).

²³ No original: “[...] the rod” (SALMON, p.11).

²⁴ No original: “[...] frozen his heart with horror and almost frightened” (LANCASTER, 1812, p.77)

²⁵ No original: “[...] the lad to whom an offender presents the card, places a wooden log round his neck, which serves as a pillory, and with this he is sent to his seat” (LANCASTER, 1812, p. 68).

²⁶ Sem temores de anacronismos, já que o pesquisador olha a história do passado, mergulhado em sua própria historicidade, fazemos uma metáfora da placa de madeira (*lancasterian card*) com o colar cervical, um equipamento médico usado para imobilizar os ossos do pescoço e ombros pois na descrição dos livros de Lancaster a placa tem essa finalidade. Diferentemente da placa de Lancaster, o colar cervical é revestido com espuma para trazer conforto ao paciente, já o colar lancasteriano do século XIX era esculpido grosseiramente todo em madeira.

²⁷ No original: “[...] the neck is not pinched or closely confined — it is chiefly burthensome by the manner in which it encumbers the neck, when the delinquent turns to the right or left. While it rests on his shoulders, the equilibrium is preserved; but on the least motion one way or the other, it is lost, and the log operates as a dead weight” (LANCASTER, 1812, p.68).

Sem dúvida, a adoção dessa punição está alinhada ao sistema prisional, que inflige castigos físicos a quem verdadeiramente delinuiu. Ou de outra sorte, é mais cruel que o sistema prisional, pois se tratava de imputar sofrimento às crianças, através de sofismas que destacavam abolição de castigos físicos na escola. Nesse aspecto, a escola mútua era mais insensível ainda, pela forma arguta com que convenciam as crianças do benefício da escola, e das penas pedagógicas.

Foucault (2004, p.18) ao tratar das penalidades e suplícios, destaca que, uma pena quase sempre vem acompanhada de sutil retórica falsamente pedagógica, e que quase sempre se reveste de três critérios principais: “[...] deve produzir uma certa quantidade de sofrimento, que se possa, se não medir, ao menos apreciar; [...] deve ter um ritual ou liturgia punitiva; e [...] deve ser marcante para a vítima”. Esses três elementos estão contidos no conjunto aflitivo das penas lancasterianas, e que naquela ocasião, eram consideradas, perfeitamente normais, e avançadamente mais adequadas que os castigos físicos.

Quando a placa de madeira no pescoço não fosse suficiente para conter a energia dos alunos, Lancaster recomenda que fossem utilizados outros instrumentos mais severos para banir os comportamentos inadequados na sala de aula.

4. Of Shackles: os grilhões de ferro

Em verdade, os grilhões eram um artefato construído por correntes de ferro e pedaços de madeira para ser fixadas nas pernas dos alunos indisciplinados. Portanto, eram usados “um ou mais [grilhões] conforme a ofensa”²⁸ pois funcionavam como repressão física, reprimenda muito constitutiva fisicamente, e psicologicamente muito constrangedora. A contenção nas pernas era meio de deter o aluno que tivesse muita energia, em sala de aula.

O objetivo dos grilhões era tornar mais difícil a mobilidade corporal dos alunos e assim produzir sua fixação e permanência nas carteiras escolares, fosse pelo critério da imobilidade física, ou pela incapacidade psicológica produzida pelo constrangimento.

os grilhões são pedaços de madeira, [...] algumas vezes de seis a oito polegadas [2,54 cm cada polegada], amarrados em cada perna, [prendendo as duas]. Quando amarrado, o aluno não pode andar, a não ser em passos muito lentos. Quando amarrado [o aluno] é obrigado a andar pela sala, até que, cansado [e diante de todos] implora por sua liberdade, e ao obtê-la promete se comportar bem no futuro²⁹ (LANCASTER, 1812, p.79, tradução livre).

E assim os grilhões foram utilizados como forma de contenção aos comportamentos inadequados dos alunos, com requinte de imaginação, criatividade e crueldade. As peças de madeira eram utilizadas além do pescoço e pernas, também nas mãos, ou combinadas em todos os membros, de acordo com a gradação do mau comportamento. A forma de aplicação da pena, era discricionária, escolhida pelo professor ou monitor, de acordo com seu próprio julgamento. Então,

²⁸ No original: “[...] one or more, according to the offence” (LANCASTER, 1812, p. 69).

²⁹ No original: “The shackle is a piece of wood mostly a foot long, sometimes six or eight inches, and tied to each leg. When shackled he cannot walk but in a very slow measured pace; being obliged to take six steps when confined, for two when at liberty. Thus accoutered, he is ordered to walk round the school-room, till tired out — he is glad to sue for liberty, and promise his endeavor to behave more steadily in future” (LANCASTER, 1812, p.69).

quando o castigo não surtisse o resultado desejado [o professor poderia escolher outros, combinados, principalmente] a mão esquerda presa nas costas [dificultando escrever] ou os grilhões prendendo de um cotovelo a outro as mãos atrás das costas [como algemas]. Algumas vezes as pernas são amarradas juntas. Este é um excelente castigo [amarrar as duas pernas e fazê-lo andar] para meninos que deixam seus lugares e querem passear pela sala (LANCASTER, 1812, p. 69).

A forma de contenção dos comportamentos inadequados na escola eram publicizados tanto em sala de aula, quanto na escola como um todo, gerando assim uma série de rotulações e preconceitos, aos alunos que menos aderiam ao sistema de regras. Os grilhões poderiam ser usados individualmente e o aluno permanecer em sua sala de aula, mas também poderiam ser utilizados de forma coletiva, amarrando um grupo de alunos, e os obrigando a desfilar nos corredores e pátios escolares exteriorizando e publicizando o castigo. O grupo amarrado e se movimentando era denominado de “a caravana”,³⁰. Eis sua dinâmica de ação:

alunos que são frequentemente ofensores, são amarrados juntos, algumas vezes por pedaços de madeira [grilhões ou cangalha] que lhes prende o pescoço, e enfileirados, caminham pela escola, andando de marcha ré, e são obrigados a prestar muita atenção em seus passos com medo do grilhão ferir seu pescoço, ou [com medo do próprio aluno] cair. [Um grupo de] Quatro ou seis [alunos] pode ser amarrado [com os grilhões]³¹ (LANCASTER, 1812, p. 70, tradução livre).

5. The basket: a cesta presa ao teto

Um dos castigos mais diferenciados - e não menos aterrorizante – a cesta foi outro meio intimidativo e consistia em uma roldana que puxava uma corda e erguia a cesta até o teto da sala de aula com o aluno dentro. Chamados também de “[...] sacos ou cestas disciplinares”³² (LANCASTER, 1812, p.69, tradução livre) era um dos castigos e punições mais temidos, por ser humilhante demais e produzir no aluno o pavor da corda se romper e a cesta cair do teto no chão. Tal qual a caravana, a cesta também era também publicizada e destacava o aluno diante dos demais, na sala de aula. Consistia em,

por o aluno dentro de um saco ou cesta, suspender a cesta [por uma corda] até o teto da escola, à vista de todos os alunos que frequentemente riam [ridicularizando e discriminando] aquele pássaro na gaiola³³ (LANCASTER, 1812, p. 70, tradução livre).

³⁰ No Original: “*The caravan*” (LANCASTER, 1812, p.70).

³¹ No original: “[...] old offenders are yoked together, sometimes by a piece of wood that fastens round all their necks; and thus confined, they parade the school, walking backwards — being obliged to pay very great attention to their footsteps, for fear of running against any object that might cause the yoke to hurt their necks, or to keep from falling down. Four or six can be yoked together this way” (LANCASTER, 1812, p.70).

³² No original: “[...] sacks or baskets” (LANCASTER, 1812, p.69).

³³ No original: “[...] occasionally boys are put in a sack, or in a basket, suspended to the roof of the school, in sight of all the pupils, who frequently smile at the birds in the cage” (LANCASTER, 1812, p.70).

Essa fisionomia punitiva da escola de ensino mútuo era temida. Salmon (1904, destaca que a mais simples alusão da palavra “cesta” era motivo para causar grande constrangimento e terror aos alunos, que viam nela o mais perfeito instrumento de aviltar corpo e espírito. Não bastasse o pavor psicológico, o efeito escárnio dos alunos, após o evento, era mais perverso. Daí se pode inferir seu elevado grau de intimidação e eficácia. O próprio autor do Método Mútuo reconheceu que

esta punição [a cesta] é um dos mais terríveis [castigos] que pode ser infligido aos alunos. Além do mais, os monitores aterrorizam [os alunos com a cesta]; [apenas mencionar] o nome é suficiente, e portanto, ela é raramente usada³⁴ (LANCASTER, 1812, p.70, tradução livre).

Portanto, cumpre destacar que, a exibição em público dos castigos na escola mútua fazia parte de um ritual denominado por Foucault (2004, p. 30) como “[...] ostentação do suplício”, cuja função é purgar o crime, lembrar aos expectadores o erro cometido e fixar em suas memórias a dor física e psicológica da exposição, da demonstração que produz constrangimento. Assim não raro as ações inconvenientes cometidas pelos alunos eram publicizadas de todas as formas possíveis. Desde expor signos, sinais no corpo do aluno como forma de discriminação, até a demonstração do aluno e sua falta, em ambiente aberto, na escola ou fora dela. Assim, a cesta era um ícone público de mau comportamento.

6. Labels of disgrace: os rótulos da desgraça

Os rótulos ou etiquetas, denominados por Lancaster como “*Labels of disgrace*” (rótulos da desgraça, em tradução livre). Funcionavam, dessa forma:

quando um aluno é desobediente [...] profana sua crença, comete alguma ofensa moral, ou não tem zelo, é comum grudar nele, rótulos [papéis escritos] descrevendo sua má conduta, [é afixado, também um chapéu de] lata ou papel em sua cabeça, de maneira que ele caminha pela escola, com dois alunos em sua frente que vão divulgando seus erros (LANCASTER, 1812, p.74, tradução livre).

As punições lancasterianas além de se efetivarem publicamente, apresentavam ostensivas pressões psicológicas, uma vez que se mostravam gradativamente mais severas.

7. The confinement: a prisão pedagógica

Como um sistema penal, havia uma hierarquia de repreensões, e tanto quanto nas prisões, o Método Lancasteriano, também recomendava o enclausuramento do aluno ou *the confinement*, sendo que, esta prática se caracterizava como uma das mais cruéis formas psicológicas do castigo. Convém reiterar que uma das mais marcantes características do ensino lancasteriano era a disciplina cumprida principalmente pela obediência à hierarquia e ao fiel desempenho das tarefas, rigorosamente no horário estabelecido. Assim, mediante o término das tarefas, o ato de deixar a escola, também simbolizava o ato de dever cumprido, o retorno ao lar, o descanso, a alegria.

³⁴ No original: “[...] this punishment is one of the most terrible that can be inflicted on boys of sense and abilities, above all, it is dreaded by the monitors: the name of it is sufficient, and therefore it is but seldom resorted to on their account” (LANCASTER, 1812, p.70).

Então, uma das formas de castigo mais cruento para fustigar um aluno desobediente, era sua permanência na escola depois do horário da aula. Mas essa retenção não significa mera presença no ambiente; ao contrário, era na verdade um confinamento do aluno fazendo-se uma analogia do ambiente escolar com uma cela prisional.

Da mesma natureza que a detenção prisional, o confinamento exigia vigilância, daí que se consubstanciava em castigo que acabava também penalizando o professor ou o monitor, que deveriam permanecer junto ao aluno no confinamento. Daí Lancaster reconhecer no confinamento uma dualidade, pois ao mesmo tempo em que o considera muito eficaz, julgava-o também inconveniente, diz ele que:

Poucas punições são tão eficientes como o confinamento após o horário escolar. Entretanto [essa punição] tem um aspecto desagradável. Para confinar os maus alunos na sala de aula é necessário que o professor ou algum substituto seu, permaneça junto ao aluno, a fim de manter a ordem [a eficiência do castigo]³⁵ (LANCASTER, 1812, p. 71, tradução livre).

Em rigor, explica Lancaster que não há motivos para castigar também o professor, estendendo a ele a pena, mantendo-o na escola junto ao aluno, durante o confinamento. Portanto, não seria razoável o aluno que se comportou mal ter sua pena estendida a um terceiro que para o erro não concorreu, assevera o autor. Além disso, a presença de outra pessoa no confinamento poderia mitigar a pena, tornando o acompanhante, um companheiro. Assim Lancaster criou um método alternativo que não retirava a eficácia da pena, além disso, liberava o professor do encargo do confinamento, por julgar inadequada sua presença na sala (cela).

este inconveniente [a presença do professor no confinamento] pode ser evitado, amarrando [o aluno] nas cadeiras, ou imobilizando-o com os grilhões. O objetivo é [deixar sozinho] cansar, humilhar, e provavelmente remover o mau comportamento, [substituindo-o] por um melhor comportamento no futuro³⁶ (LANCASTER, 1812, p. 71-72).

A pena de confinamento era agravada se o aluno fosse reincidente no mau comportamento, nesse caso o confinamento se transformava em punição mais séria,

quando um aluno repete maus comportamentos muitas vezes ou [o próprio aluno] é incorrigível, ele é algumas vezes amarrado em um lençol e obrigado a dormir no chão da escola à noite toda³⁷ (LANCASTER, 1812, p. 53, tradução livre).

Lancaster considera uma noite o tempo de permanência ideal para o confinamento, mas destaca que esse tempo poderia ser elevado caso se percebesse uma falha muito grave nos

³⁵ No original: “[...] few punishments are as effectual as confinement after school hours. It is – however - attended with one unpleasant circumstance. In order to confine the bad boys in the school-room, after school-hours, it is often needful that the master, or some proper substitute for him, should confine himself in school, to keep them in order” (LANCASTER, 1812, p. 71).

³⁶ No original: “[...] this inconvenience may be avoided by tying them to the desk or putting them in logs” (LANCASTER, 1812, p. 71).

³⁷ No original: “When a boy repeats the fault many times or is incorrigible, he is sometimes tied up in a blanket, and left to sleep at night on the floor, in the schoolhouse” (LANCASTER, 1812, p. 53).

alunos, chamada por ele de vadiagem, que significava falta de interesse pela escola. Salmon (1904) explica que, a Londres oitocentista tratava a vadiagem como crime então era comum nas escolas lancasterianas alunos confinados durante à noite na escola para dormir, de preferência no chão frio da sala de aula, durante o rigoroso inverno londrino. O ato de amarrar o aluno em um fino lençol não significava clemência ou proteção nas noites inverniais, mas segundo Salmon (1904) uma contenção física para impedir fuga.

As punições descritas por Lancaster tinham variações do terror ao bizarro. Do terror, se consubstanciavam para imputar pavor aos alunos, do bizarro se revestiam de sentimentos de humilhação e vergonha. É o entrosamento desses dois sentimentos que delinea a fisionomia das punições.

8. The bitter chamomile tea: o amargo chá de camomila

De outro lado, alguns exemplos descritos em suas obras são verdadeiras excentricidades pois estavam adstritos à conotação de desdém ao aluno que apresenta maior energia. Diante desse modelo Lancaster relata o trabalho de uma professora que devido ao barulho e inquietação das crianças, resolveu administrar um chá sem açúcar aos alunos durante a aula. Então o autor relata que o uso do líquido obteve tamanho sucesso, que ele recomenda aos professores,

ter na sala de aula um recipiente com chá de camomila [...] e quando alguma criança não para de falar dar a ela uma colher desse chá, e se ela repetir a fala, repete o chá. [...] podemos imaginar muitas bocas retorcidas [com a administração do chá] pois o chá era muito amargo, mas quase imediatamente cessou a necessidade [de administrar o chá] e a escola continuou um exemplo de ordem³⁸ (LANCASTER, 1812, p.76, tradução livre).

E assim, ao longo do capítulo “outros modos de punição” descritos por Lancaster, o autor relata várias experiências de castigos extravagantes. Examinemos, pois, a dinâmica do travesseiro: tratava-se de uma estratégia que consistia em causar vergonha à criança sonolenta “[...] colocando um travesseiro em cima de sua carteira escolar”³⁹ (LANCASTER, 1812, p.75).

9. SLOVENLINESS: A imundície do menino

Uma das formas de constrangimento público ao menino que apresentasse suor ou maus aspectos de higiene nas mãos ou no rosto, era humilhá-lo por uma menina. Esse castigo além de produzir intensa vergonha na criança pelo escárnio produzido no grupo, também fazia uma exposição envolvendo um constrangedor contato físico entre o menino e a menina. Assim se desenvolvia:

³⁸ No original: “[...] a respectable female kept a small school for children of that sex. Her health was delicate, and the task became so arduous from the noise of the children, when at school, that she had no prospect but that of declining school altogether. In the interim, she was advised to make one trial more: to have a cup of chamomile tea always by her, and when any child was found talking to regale her with a tea-spoon-full: and if she repeated her offence, to repeat the punishment. We may suppose many wry mouths were made on the occasion, but the punishment wanted little repetition; it was too bitter to be endured, and almost immediately ceased to be deserved, and the school continued an example of order and usefulness” (LANCASTER, 1812, p.76).

³⁹ No original: “[...] Sometimes an idle boy may have a pillow fetched from a feather bed, and placed on the desk for him to lay his head on, as if asleep, in the face of the school” (LANCASTER, 1812, p. 75).

uma menina é designada para lavar a face do imundo na presença da escola inteira. Isso normalmente gera muita risada, especialmente quando ela dá tapas nas bochechas sujas como uma forma de correção. Esse é o tipo de punição que conserva limpo o rosto dos meninos por uns dois anos (LANCASTER⁴⁰, 1812, p.71).

Um destaque para esse castigo é que após a lavagem facial do menino, ele percorria a escola tendo à sua frente outros alunos anunciando em cartazes de letras garrafais sua falta: aluno sujo, aluno porco, aluno imundo.

10. Slothfulness: a preguiça da menina

Um dos hábitos considerados intoleráveis na Londres oitocentista, era a vadiagem, ação combatida com veemência principalmente por religiosos e professores. A prática de nada fazer, malandrear, vagabundear, flunar, era comportamento de poetas, desempregados e andarilhos que quase sempre vagavam pela cidade e provocavam agitações e motins. Ainda, a vadiagem era dada como um imã criminoso que poderia atrair alcoolismo e outros hábitos, então deveria ser combatida com fervor, inclusive sendo considerada crime cuja pena era o aprisionamento.

Logo, na escola lancasteriana não se podia tolerar uma menina desidiosa. E embora não se tenha encontrado grandes detalhes sobre o que seria o comportamento de preguiça ou ociosidade na obra lancasteriana, se sabe que a punição para a menina deveria ser bem intensa e publicizada, com divulgação do nome da aluna, de maneira que esse procedimento fizesse com que “[...] o espírito público da escola inteira se voltasse contra aquela transgressora”⁴¹(LANCASTER, 1807, p. 87).

Considerações finais

No século XIX o Método Lancasteriano foi considerado um grande avanço no sistema pedagógico por combater os castigos corporais no interior das escolas. Esse espaço deixado pela ausência de penas físicas gerou intensa ansiedade nas famílias e nos próprios professores, dado o temor da rebeldia discente e principalmente a agitação que poderia sacudir a sociedade por incivildades e revoluções populares.

No vazio gerado pela proibição de castigos físicos o Método Lancasteriano criou uma pauta de penas morais ou psicológicas, que como o próprio autor descreve era necessário “expor ao ridículo”⁴², forçar pelas vias da humilhação a mudança comportamental dos alunos e principalmente prepará-los para a vida e exercício laboral.

Essa dinâmica de produzir no aluno o sentimento de vexame e rebaixamento, seria a mais perfeita forma de causa e efeito, para aterrorizar uma criança. E embora Lancaster declare que a religião deve apregoar amor e respeito aos alunos, seu livro é um guia sutil desvelando que essas punições eram a primorosa forma de produzir constrangimento, intenso sofrimento e inclusive afastar o aluno da escola, principalmente os mais tímidos. O autor destaca em várias partes de sua obra que os castigos surtiavam efeitos por que produziam no ofensor, uma sensação de pânico e no espectador os castigos geravam zombaria e escárnio, ou como o autor destaca, as penas traziam ao grupo uma dose de “risibilidade” (LANCASTER, 1807, p.89).

⁴⁰ No original: “[...] a girl is appointed to wash his face in the sight of the whole school. This usually creates Much diversion, specially When she gives cheeks a few taps of correction with her hand. One punishment of this kind has kept the boys's face clean for two Years.

⁴¹ No original: “[...] a proceeding that turns the public spirit of the whole school Against the culprit”.

⁴² No original: “[...] force to ridicule”

Sobre o aparato de punição usado na escola é ainda mais engenhosa e habilidosa a retórica de convencimento aos pais e à sociedade que as penas eram corretivas pedagógicas e necessárias criando-se adesão a elas com fervorosa aceitação. O próprio Lancaster destacou que o efeito da virulência da vara de bater dantes usada, poderia afugentar o aluno da escola, e convenceu que seus castigos eram amargos, porém mais brandos que a palmatória ou a vara.

Ocorre que mesmo com o argumento de não produzir violência física, o aparato dos grilhões, da placa, e algemas, dentre outros, foram apetrechos não só intimidativos quanto produtores de contenção física intensamente dolorosa nos alunos, pois imobilizava ossos e músculos ainda em formação. É de se destacar também que Joseph Lancaster recebeu críticas destacando que o aparato pedagógico por ele usado era ferramental usado em pessoas escravizadas, ao que o autor se defende rebatendo que ele próprio era um convicto abolicionista e que a crítica era tola e improcedente.

Desta forma, não se pode esquecer que a escola do oitocentos era fruto de uma sociedade fraturada entre a nascente revolução industrial na Londres renascentista e iluminada, mas ainda usando mão de obra escravizada, já que a abolição somente ocorreu em 1833 na Inglaterra. Assim a proposição de uma escola humanizada e sem castigos físicos foi um sofisma utilizado para demarcar a pedagogia inovadora da abolição da palmatória, mas ela reproduziu pelas vias mais cruéis o próprio sofrimento das pessoas escravizadas, a diferença é que aqueles eram pessoas negras, estes da escola, eram pessoas pobres.

Referências

BASTOS, Maria Helena Câmara. O Ensino monitorial/mútuo no Brasil. In: BASTOS, Maria Helena Camara (org). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p.63-75.

BASTOS, Maria Helena Câmara. *A instrução pública e o ensino mútuo no Brasil: uma história pouco conhecida (1808-1827)*. História da Educação. Vol.1,1997. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30631>. Acesso em 16/09/2012.

BASTOS, Maria Helena Câmara. *A educação elementar e o Método Lancaster no correio brasileiro (1816)*. História da Educação. Vol. 9, 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29207>. Acesso em 16/09/2012.

BASTOS, Maria Helena Câmara. O ensino monitorial/mútuo no Brasil (1827-1854). In: *Histórias e memórias da educação no Brasil, século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 34-51.

CHIZZOTTI, Antonio. A Constituinte de 1823. In: Omar Fávero. *A educação nas constituintes brasileiras (1823-1988)*. Campinas: Autores Associados, 2005.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no Século XIX. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. *Escola, política e cultura: a instrução elementar nos anos iniciais do império brasileiro*. Belo Horizonte: Argumentum, 2011.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. *A educação brasileira no contexto histórico*. Campinas: Alínea, 2004.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. *Escola, política e cultura: a instrução elementar nos anos iniciais do império brasileiro*. Belo Horizonte: Argymentvum, 2006.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. Estado, cultura e escolarização em Minas Gerais, no século XIX. In: Vidal, Diana Gonçalves. *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o império e a república*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 117-135.

FERNANDES, Rogério. A difusão do Ensino Mútuo em Portugal no começo do Século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara. *A Escola Elementar do Século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p.17-30.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GILES, Thomas Ransom. *História da Educação*. São Paulo: EPU, 1987.

GINZBURG, Carlos. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GINZBURG, Carlos. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONDRA, José; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

HERBART, Johann Friedrich. *Pedagogia geral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. O Ensino mútuo na província de São Paulo: primeiros apontamentos. In: BASTOS, Maria Helena Camara (org). *A Escola elementar do século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p.101-112.

LANCASTER, Joseph. *The British System of education: Being a complete epitome of the improvements and inventions practiced by Joseph Lancaster: to which is added, a report of the trustees of the Lancaster School at Georgetown*. Published by: Joseph Milligan and by William Cooper. Washington, 1812.

LANCASTER, Joseph. *The Lancasterian system of education, with improvements*. Baltimore: WN Ogden Nilles, printer. 1821.

LANCASTER, Joseph. *Improvements in education, as it respect the industrious classes of community*. Piccadilly, London: Darnton & Harvey, 1803.

LANCASTER, Joseph. *Epitome of some of the chief events and transactions in the life of Joseph Lancaster: containing an account of the rise and progress of the Lancasterian system of education and the author's future prospects of usefulness to mankind*. New York: Baldwin & Peck. 1833.

LESAGE, Pierre. A pedagogia nas escolas mútuas no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara (Org). *A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p. 4-17.

LINS, Ana Maria Moura. O Método Lancaster: educação elementar ou adestramento? In: BASTOS, Maria Helena Camara. (Org). *A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p.49-61.

LOPEZ, Claudina & Narodowski, Mariano. El mejor de los métodos posibles: La introducción del método lancasteriano em Iberoamerica em el temprano siglo XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara. (Org). *A escola elementar no século XIX: o método monitorial mútuo*. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p.30-42.

MANACORDA, Mário Alighiero. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez, 1992.

MOACYR, Primitivo. *A instrução e o império: subsídios para a história da educação no Brasil, 1823-1853*. São Paulo: Ed. Nacional, 1936.

NEVES, Fátima Maria. *O Método lancasteriano e o projeto de formação disciplinar do povo (São Paulo, 1808-1889)*. Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Letras, 2003. Tese de Doutorado em história. p.2-145. Disponível em: www.unesp.br. Acesso em 02/06/2012.

NEVES, Fátima Maria. *O método de Lancaster e a memória de Martim Francisco*. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/anped/0210T.PDF>. Acesso em 26/09/2012.

NÓVOA, Antonio. Apresentação. In: BASTOS, Maria Helena Camara. (Org). *Histórias e memórias da educação no Brasil, século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2011. P.9-13.

PIRES DE ALMEIDA, José Ricardo. *História da instrução pública no Brasil (1500-1889)*. São Paulo: EDUC, 1989.

RICHARDSON, Robert Jarry. *Pesquisa social métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

SALMON, David. *Joseph Lancaster*. London: The British and foreign school society, 1904.

SAVIANI, Dermeval. *O Legado educacional do século XIX*. Campinas: Autores Associados, 2005.

SCHNEIDER, Omar e GONDRA Gonçalves José (Org.). Educação e instrução na província do Espírito Santo. in: *Educação e instrução nas províncias e na corte imperial (1822-1889)*. Vitória: EDUFES, 2011. p. 239-270

SIQUEIRA, Francisco Antunes de. *Memórias do passado: a Vitória através de meio século (1832-1897)*. Vitória: Florecultura, 1999.

TOBIAS, José Antonio. *História da educação brasileira*. São Paulo: Editora Juriscredi, 1974.

VIDAL, Diana Gonçalves; Hilsdorf Maria Lucia Spedo (Org). *Brasil 500 anos: Tópicos em história da educação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.